











Philippe Starck: Designer fala da coleção de poltronas para a Dior, reclusão em Portugal e lua de mel no Brasil

ela

O GLOBO



Irineu Marinho (1876-1925) — (1904-2003) Roberto Marinho

RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 25 DE JUNHO DE 2023 ANO XXVIII - Nº 32.829 - PREÇO DESTE EXEMPLAR NO RJ • R\$ 7,00

MUTILADOS

RIO TEM MAIOR NÚMERO DE AMPUTADOS DO PAÍS VÍTIMAS DA GUERRA URBANA

FELIPE GRINBERG e RAFAEL GALDO

Em um cenário de confronto quase diário entre criminosos e policiais, agravado pela presença descontrolada de fuzis, arma de grande poder de destruição, o Rio se tornou, em 15 anos, a capital nacional de mutilados na guerra urbana, como mostra a série especial do GLOBO. Durante cinco meses, repórteres se debruçaram sobre sete mil páginas de documentos e dados e trazem as histórias de quem conseguiu sobreviver à violência. Dos 88 amputados na cidade nesse período, 75 foram baleados, e outros 13, vítimas de material explosivo, como Luis Rodrigo Costa, que tinha apenas 4 anos quando confundiu uma granada com um brinquedo. “Era tipo uma bolinha. Peguei, e explodiu”. PÁGINAS 28 e 29



MÁRCIA FOLETTO

ENTREVISTA/DON WALSH

‘Mergulhos profundos vão parecer pouco seguros agora’

Oceanógrafo de 91 anos, que esteve no ponto mais distante do mar, aponta em entrevista a PAULO ASSAD os erros da OceanGate com o submersível Titan. PÁGINA 24

Empresas veem benefícios em semana de 4 dias

Em teste em vários países, o “quintou” já tem resultados positivos no Brasil. Empresas nacionais que adotaram semana de quatro dias úteis colhem avanços no bem-estar físico e mental de empregados sem perdas na produtividade. PÁGINAS 17 e 18

Marcas se equilibram entre a pauta LGBTQIA+ e a onda conservadora

Boicotes a produtos e publicidade com temática da diversidade surpreendem empresas americanas. Para analistas, recuar é pior. PÁGINA 19

BRASILEIRÃO NO DIVÃ

Jogadores abrem mente e coração

Série especial revela sonhos, como ganhar o campeonato ou dar conforto à família, e as angústias de 15 jogadores de 15 clubes. PÁGINA 36



EDITORIAL DESAFIO DO NOVO PAC É EVITAR OS ERROS DO ANTIGO PÁGINA 2	MERVAL PEREIRA <i>Políticos buscam eleitor de centro</i> PÁGINA 2	DORRIT HARAZIM <i>Desumanização da pele negra é diária no Brasil</i> PÁGINA 3	BERNARDO MELO FRANCO <i>A sabatina morna de Cristiano Zanin</i> PÁGINA 3	LAURO JARDIM <i>O filé-mignon do celular de Mauro Cid</i> PÁGINA 6	ELIO GASPARI <i>Miep Gies, exemplo da banalidade do bem</i> PÁGINA 13	MÍRIAM LEITÃO <i>Os números não socorrem análise do BC</i> PÁGINA 18	PATRICIA KOGUT <i>Vidas comuns em uma série imperdível</i> SEGUNDO CADERNO
---	--	--	---	---	--	---	---

Rebeldes russos acuam Putin, mas se retiram após acordo

Ocupação.

Paramilitares russos do grupo Wagner, antes aliado de Putin, se espalharam pela cidade de Rostov e foram apoiados por parte da população



AFP/STRINGER

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, enfrentou ontem o maior desafio à sua autoridade em 23 anos de governo. Um motim conduzido pelo Wagner, grupo paramilitar outrora aliado, ocupou a cidade de Rostov e rumou para Moscou, chegando a 200km da capital, com combates pelo caminho. No fim do dia, Putin firmou um acordo com o Wagner, que recuou e deixou Rostov. PÁGINA 22

LÍDER MERCENÁRIO

Yevgeny Prigojin fornecia catering ao Kremlin e é procurado pelo FBI

PÁGINA 23

O DIA SEGUINTE

‘Certamente a Ucrânia sai ganhando’, diz historiador

PÁGINA 23

SP GASTRONOMIA

Estreia do evento terá chefs premiados e shows

Primeira edição do festival gastronômico na capital paulista acontece a partir de quinta-feira no Parque Villa-Lobos, com a participação de 17 restaurantes. PÁGINA 16

SEGUNDO CADERNO

A vida cultural recomeça aos 40

Novas músicas, séries, filmes e eventos miram a cobiçada e crescente faixa etária, que pode não seguir tendências, mas busca novas experiências.

Flávio Dino e a segurança de Lula



—A Polícia Federal segura mais que o GSI!

FILOSOFIA DO NÃO NASCER

Antinatalismo ganha força e divide opiniões

Movimento que cresce entre os jovens defende que ninguém mais deveria nascer, para “poupar seu sofrimento” ou para proteger o planeta. PÁGINA 25

Rio



DOR SEM FIM

Documentário de uma guerra particular

Ambiente especial no site retrata histórias das vítimas mutiladas pela violência

PARA
ACESSAR
APONTE
O CELULAR
PARA
O QR CODE

VIDAS DILACERADAS

RIO É A CAPITAL DO PAÍS COM MAIS AMPUTAÇÕES CAUSADAS POR ARMAS DE FOGO

FELIPE GRINBERG
E RAFAEL GALDO

grandero@oglobo.com.br

FOTOS

MÁRCIA FOLETTO

foletto@oglobo.com.br

Depois de quase ter a perna arrancada por um tiro de fuzil no portão de casa, Jorge de Oliveira Araújo precisou se acalmar para conter a hemorragia. “A cada respiração, mais sangue jorrava”, descreveu. Mantido refém por bandidos e baleado no braço pela polícia, Alessandro da Silva Ribeiro implorou a Deus enquanto estava estirado no asfalto. “Não vou dormir, cara. Quero viver”, disse ao ser socorrido. Com a infância atravessada pela barbárie, Luis Rodrigo Costa tinha só 4 anos quando confundiu uma granada com um brinquedo. “Era tipo uma bolinha. Peguei, e explodiu”. Em comum, essas histórias sobre a violência no Rio, de confrontos e territórios dominados por traficantes e milicianos, tiveram um mesmo fim: os três sofreram amputações.

A seqüela, semelhante às vistas em conflitos como os da Ucrânia e do Afeganistão, é foco de uma investigação inédita publicada a partir de hoje no GLOBO na série “Mutilados”. Durante cinco meses, equipes se debruçaram sobre um emaranhado de sete mil páginas de documentos e dados obtidos por meio de mais de 50 pedidos de Lei de Acesso à Informação (LAI) a órgãos públicos para dimensio-

nar a tragédia que não é esquadrinhada oficialmente. Nos últimos 15 anos, ao menos 2.044 pessoas sofreram amputações no país devido a ferimentos por armas de fogo ou explosivos. No Estado do Rio, foram 202 (menos apenas do que a Bahia, com 244 casos). É, só na cidade do Rio, foram 88 vítimas, o que a torna a capital nacional dessas mutilações, à frente de São Paulo, a segunda colocada, com 64 registros.

As informações foram extraídas do banco de dados das autorizações de internações (AIHs) do Ministério da Saúde, usado para repasses de verba no SUS, a partir da análise dos procedimentos que motivaram as hospitalizações de 2008 a 2022. E o cruzamento com outras fontes, buscas em processos judiciais, contatos com centros de reabilitação e tentativas de reencontrar vítimas que deram rosto ao noticiário apontaram indícios de que, apesar de graves, os números podem estar subnotificados.

Era 19 de abril de 2013 quando Jorge pediu uma pizza para comer com a família à noite, como gostava de fazer às sextas-feiras. A época com 47 anos e morador de uma favela de Costa Barros, na Zona Norte carioca, ele havia acabado de chegar do trabalho e equipes se debruçaram sobre um emaranhado de sete mil páginas de documentos e dados obtidos por meio de mais de 50 pedidos de Lei de Acesso à Informação (LAI) a órgãos públicos para dimensio-



MU

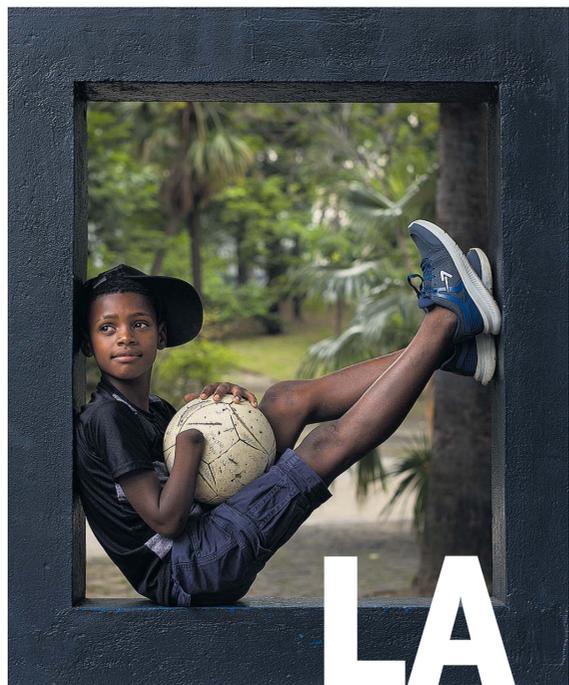


“Se eu ficasse nervoso, meu sangue jorraria com mais intensidade. Imaginava que era só em filme que a bala arremessava a pessoa longe”

Jorge de Oliveira Araújo, despachante



TI



LA



“Eles (os policiais) deram um único e último tiro de fuzil”

Alessandro da Silva Ribeiro, bacharel em Direito



“O mais difícil é pegar o prato e o copo na hora de comer”

Luis Rodrigo Costa, estudante



DOS



“Meu medo era de não ser capaz de ser mãe depois da amputação. Tive que aprender a me virar. Agora, somos só eu e meus filhos. Eu tenho que cuidar deles”

Schinaidler Mariano da Silva, manicure

O MAPA DE UMA TRAGÉDIA

As 10 cidades com mais amputações

1	Rio de Janeiro, RJ	88
2	São Paulo, SP	64
3	Fortaleza, CE	61
4	Salvador, BA	48
5	Teresina, PI	37
6	Goiania, GO	30
7	Belém, PA	25
8	São Gonçalo, RJ	24
9	Niterói, RJ	22
10	Socorro, SP	21

Estados com mais vítimas

1	Bahia	244
2	Rio de Janeiro	202
3	Pará	198
4	São Paulo	196
5	Ceará	155

Casos ano a ano no Brasil 2008-2022



Faixa etária	Quantidade
0 a 5	2
6 a 11	2
12 a 17	27
18 e 19	34
20 a 29	59
30 a 39	45
40 a 49	21
50 a 60	7
Mais de 60	5
TOTAL	202

Fonte: Sistema de Autorização Hospitalar (AIHs) do Ministério da Saúde

PERFIL DOS AMPUTADOS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



EDITORIA DE ARTE

— Se eu ficasse nervoso, meu sangue jorraria com mais intensidade. A dor era muito grande. Imaginava que era só em filme que a bala arremessava a pessoa longe — conta ele, que acabaria em coma induzido. — Quando acordei, não sabia que tinha perdido a perna. Um pastor da minha igreja me explicou que era minha vida ou o membro.

MAIS QUE NAS GUERRAS

Nacionalmente, a quantidade de mutilados supera, inclusive, a de militares das Forças Armadas dos Estados Unidos que, num intervalo de tempo parecido, sofreram amputações de membros superiores ou inferiores devido a lesões em combate. De janeiro de 2001 a outubro de 2017 (período que abrange as guerras do Iraque e a do Afeganistão), esse foi o drama de 1.705 soldados americanos, indica um estudo publicado em 2018 pela Divisão de Vigilância em Saúde das Forças Armadas do país.

Desse total, se a maioria foi ferida em explosões, só 73 militares foram atingidos por arma de fogo. E daí se desprende outra comparação

reveladora: são menos baleados amputados do que na cidade do Rio nos últimos 15 anos. Na capital brasileira dos mutilados, dos 88 que perderam parte do corpo nesse período, 75 estiveram na mira das armas — e outros 13 sobreviveram a explosões.

No Rio, profissionais de segurança e de saúde dizem que um fator agrava o quadro. Onde fuzis — uma arma de guerra — são usados até para assaltar pedestres, ser vítima e sobreviver pode ser um milagre.

— Considero o dia em que fui atingido nessa guerra meu segundo aniversário — diz Jorge, que perdeu a perna direita. Já Alessandro, de 48 anos, retornava para casa quando seu carro foi abordado em Vicente de Carvalho, Zona Norte do Rio, por dois bandidos em fuga que assumiram a direção do veículo. Era a noite de 2 de agosto de 2018. Mantido refém com um revólver na sua cabeça, o então estudante de Direito se viu no meio de uma perseguição, depois de os bandidos furearem uma blitz. Em alta velocidade, já na Penha, o carro capotou. Alessandro carregará para o resto da vida os minutos seguintes.

— Os bandidos se renderam. Eu saí me jogando no chão, tipo pedindo socorro, demonstrando nenhum tipo de agressividade — conta ele, gesticulando como quem estava com as mãos para o alto. — Eles (os policiais) deram um único e último tiro de fuzil, que pegou no cotovelo e destruiu toda a estrutura de tendões e ligamentos — detalha ele sobre a noite em que, mais tarde, teria o braço esquerdo amputado.

O impacto enfrentado por quem sofre traumas como os de Jorge e Alessandro é amplo e não se limita à lesão física. De pronto, erguem-se desafios de readaptação. A chamada dor fantasma, num membro que já não está ali, é recorrente. A volta ao lar descortina incertezas. Tentar regressar ao trabalho, perder renda quando os gastos com saúde aumentam e enfrentar os olhares da sociedade são só parte das angústias. E uma consequência se repete nos relatos: o tiro não atinge só a vítima, é um golpe em toda sua família.

— A amputação é um óbito parcial. Quem a sofre precisa passar por todas as fases do luto — ressalta Sandra Helena Lopes, terapeuta ocupacional

do Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia (Instituto).

Músico desde criança, ao ser baleado, Alessandro se perguntava como tocaria seus instrumentos. Já se passaram cinco anos, e ele manteve a bateria, a guitarra e o violão guardados, sem uso. Só que não desistiu de muitos outros aspectos de sua vida. Concluiu o curso de Direito, por exemplo. E colocar o relógio no pulso direito (com a ajuda dos dentes) e coar o café sozinho se tornaram algumas de suas vitórias diárias. Mas teve um dia em que quase foi às lágrimas.

— Estava num restaurante self-service. As pessoas seguraram o prato com uma das mãos e se servem com a outra. Tentei dar meu jeito. Uma hora, o prato caiu. Que vontade de chorar — confidencia.

Morador do complexo de favelas do Chapadão, em Costa Barros, o menino Luis Rodrigo, hoje com 11 anos, também teve que (re)aprender tarefas simples do cotidiano após ter tido a mão direita arrancada por uma granada — outro dispositivo de guerra em poder de criminosos no Rio. A avó do garoto, Odineia Costa, de 59, lavava roupa quando ouviu a explosão. A cena que viu, nunca mais esqueceu:

— Ele já tava sem a mão, que ficou grudada na parede. No retorno do menino do hospital, foi ela quem o consolou, dizendo que ele poderia crescer como uma criança como outra qualquer. Crito e feito. Hoje, Odineia brinca que Luis é levado demais. E ignorou limitações para crescer com a mão esquerda (sem ter nascido canhoto), soltar pipa e jogar futebol.

— O mais difícil é pegar o prato e o copo na hora de comer — diz o menino. Assim como Luis, no Estado do Rio, 15% (31) dos amputados feridos por arma de fogo ou explosivos de 2008 a 2022 tinham até 17 anos. É um choque que afeta todas as gerações. Mas são os jovens de 20 a 29 anos a maior parte das vítimas (29%). No perfil dos afetados, há mais homens (96,04%) do que mulheres (3,96%) e, por cor ou raça, pardos (34,6%) e pretos (16,3%) são os que mais enfrentam essa dor.

Naquelas urgências do dia a dia com uma criança dentro de casa, não é raro Schinaidler Mariano da Silva, mulher preta de 30 anos, carregar o pequeno Pedro, de 1 ano e 5 meses, pulando numa perna só. Mãe solteira

de três filhos, ela foi amputada após ser atingida por um tiro de fuzil na saída de um baile funk em São Gonçalo, na Região Metropolitana no Rio. Durante quase três anos, enfrentou crises de ansiedade e apertos para se reinventar e como mãe. Nesse turbilhão, veio a notícia de sua mais recente gravidez. E ela não se arrepende do pedido feito à médica que a atendeu quando foi baleada: “Se eu conseguir ficar viva, amputa”.

— Minha perna estava desatada. A única coisa que ficou inteira foi meu pé — diz Schinaidler, que lembra a reação ao acordar da cirurgia. — A primeira sensação foi de alívio por não morrer. Depois, veio a preocupação. Porque a gente acha que vai ser amputada, botar uma prótese e sair andando. A realidade é outra. Ai começam as dificuldades.

SOZINHA COM TRÊS FILHOS

De tomar banho a pegar o filho no colo para miná-lo, os obstáculos se amontoavam. Sua mãe e um ex-companheiro estiveram com ela no início, mas Schinaidler se constrangia de pedir ajuda até para comer.

— Se eu não comesse no horário de todo mundo, botava minha comida e me sentava no chão da cozinha. A gente acaba achando que está incomodando — desabafa. A depressão logo bateu à porta. Por quase dois anos, seu quarto virou seu mundo. Após ser intimada para testemunhar em um processo, ela descobriu ainda que o carro em que pegou carona de um conhecido ao ser baleada era roubado. Segundo relata, o motorista não teria ouvido uma ordem de parada de um policial, que atirou no veículo.

Diante das adversidades, Schinaidler ficou sozinha com as crianças e, meses depois, ao engravidar de Pedro, escolheu interromper os antidepressivos. Foi o nascimento do caçula que trouxe uma nova perspectiva.

— Meu medo era de não ser capaz de ser mãe depois da amputação. Tive que aprender a me virar. Agora, somos só eu e meus filhos. Eu tenho que cuidar deles. Dou banho e carrego Pedro nos braços. Vou do meu jeito, mas consigo — diz a jovem, que tapa buracos no orçamento com serviços de manicure na varanda de casa.

AMANHÃ: OS POLICIAIS FERIDOS E O IMPACTO DE UM TIRO DE FUZIL

Harrison Ford: 'O segredo é manter os analgésicos por perto', diz ator, aos 80 anos, sobre cenas de ação do novo Indiana Jones SEGUNDO CADERNO

LEO AVERSA
Passou dos 60, tá decretado: é 'idoso'
SEGUNDO CADERNO

O GLOBO



Irineu Marinho (1876-1925) — (1904-2003) Roberto Marinho

RIO DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA, 27 DE JUNHO DE 2023 ANO XXVIII - Nº 32.831 • PREÇO DESTE EXEMPLAR NO RJ • R\$ 5,00 2ª EDIÇÃO

GABRIEL DE PAIVA

'Névoa' diferente em Teresópolis

Um incêndio em lixão, só controlado após sete horas, cobriu a cidade serrana de densa fumaça, levando ao fechamento de lojas e escolas. Moradores relataram dificuldade para respirar, e autoridades recomendaram o uso de máscaras. **PÁGINA 26**



JUROS E ALTA DE PREÇOS

Governo prepara mudança no sistema de meta de inflação

Reunião do Conselho Monetário deve ratificar adoção de referência contínua, preferida por Haddad

Em meio às críticas ao Banco Central por não reduzir os juros, o governo prepara mudança no sistema de metas de inflação. O Conselho Monetário Nacional (CMN), formado pelos ministros da Fazenda, Fernando Haddad, e do Planejamento, Simone Tebet, e pelo presidente do BC, Roberto Campos Neto, reúne-se quinta-feira para rever as metas de 2024 e 2025 e definir a de 2026. A substituição do atual sistema, baseado no ano-calendário, pelo de meta contínua permitiria ao BC adotar medidas mais suaves para perseguir o índice de inflação traçado. Haddad vem se posicionando a favor da mudança, mas o presidente do BC vem adotando cautela sobre o tema. **PÁGINA 13**

Regulação do trabalho por aplicativo avança

Regulamentação dos serviços por aplicativo envolve INSS, limite de jornada e seguro contra acidentes. **PÁGINA 16**

DEMANDA EM ALTA

Investidores externos despejam R\$ 6 bilhões na Petrobras **PÁGINA 17**

Entrevista na fotografia

OK



— E, assim, estamos juntos... pela quarta vez!

Estados mantêm escolas militares

Enquanto modelo não é mais prioridade do MEC, Paraná já tem 206 e quer dobrar a meta. **PÁGINA 11**

AVAL A ESPIGÕES

Vereadores aprovam novo Plano Diretor de São Paulo **PÁGINA 12**

BRASILEIRÃO NO DIVÃ Nostalgia da infância

Jogadores contam ter saudade da época em que o futebol era apenas um sonho. **PÁGINA 29**

FECHANDO A RODADA Vitória alivia Vasco

Time quebra série sem vencer ao bater Cuiabá por 1 a 0 em jogo com portões fechados. **PÁGINA 30**



Registros. Balas e fragmentos retirados de pacientes no Hospital da Posse, em Nova Iguaçu

No Rio, uma coleção fúnebre de uma medicina de guerra

Hospitais que viraram referência pela experiência com baleados são novo tema da série sobre os mutilados por armas de fogo. Projéteis retirados de pacientes ilustram a tragédia fluminense. Notificação de amputações passa a ser obrigatória na capital. **PÁGINAS 24 e 25**

Putin promete punir líderes de rebelião

Numa tentativa de mostrar força após o motim do grupo mercenário Wagner, o presidente russo prometeu levar à Justiça os líderes rebeldes e perdoou os combatentes que se recusaram a participar da ação. **PÁGINA 18**

Ministra reage a pressão do Centrão: 'Tenho uma biografia'

Alvo de fritura, a ministra da Saúde, Nísia Trindade, diz a **BERNARDO MELLO FRANCO** que busca "corrigir distorções" na liberação de emendas. Para aliviar pressão, governo quer entregar Funasa ao Centrão. **PÁGINA 8**

TSE reinicia julgamento de Bolsonaro com pressão sobre 'aliados'

O TSE retoma hoje o julgamento com o voto do relator, que deve ser pela condenação. Ministros próximos do bolsonarismo vêm sendo pressionados a pedir vista para adiar o resultado. **PÁGINA 4**

MERVAL PEREIRA

Provável condenação de Bolsonaro será exemplar **PÁGINA 2**

MÍRIAM LEITÃO

Democracia precisa estabelecer limites do uso do poder **PÁGINA 14**

MARCELO NINIO

A China e a geopolítica da dívida dos países pobres **PÁGINA 19**

QUESTÕES DE PELE

Acne pode facilitar outras infecções

Além de impactar a autoestima, acne precisa ser tratada para não trazer riscos à saúde, como permitir a entrada de bactérias no organismo. **PÁGINA 21**